

# Credores exigem acordo do Brasil com o FMI

Esta é a condição dos norte-americanos para renegociar débitos e conceder empréstimos

**Nova Iorque.** — Os 14 bancos comerciais que representam o consórcio dos credores do Brasil comunicaram que subordinam a concessão de novos empréstimos e a renegociação dos existentes à aprovação de um programa econômico que o Brasil deverá acertar com o Fundo Monetário Internacional.

Segundo muitos economistas norte-americanos, o Brasil, para sanear sua situação, deverá reduzir o consumo interno para dar maior impulso as exportações e frear uma inflação que ronda a média anual dos 800 por cento.

Um banqueiro norte-americano afirmou que "o Brasil tem necessidade de uma administração financeira competente e o FMI pode fornecer novos empréstimos e ser árbitro e fiscal de uma boa política financeira". O governo brasileiro no entanto, reafirmou recentemente não estar disposto a discutir a própria política econômica com o Fundo Monetário Internacional.

Paul Volcker, governador da Federal Reserve (o Banco Central de lá), falando no Senado norte-americano, convidou ontem os bancos dos Estados Unidos a ajudarem o Brasil na solução dos seus problemas. "Se abandonarem os esforços feitos até agora e se negarem a enfrentar as novas dificuldades, porão em perigo os resultados obtidos até hoje, alimentando novos perigos para o sistema financeiro mundial", enfatizou Volcker.

Os efeitos da falta de pagamento dos juros por parte do Brasil foram sentidos na marcha das ações dos maiores bancos norte-americanos, que enfrentaram segunda-feira, a baixa na Bolsa de Nova Iorque. Um analista financeiro norte-americano, que se negou a ser identificado, previu que a negativa de pagar por parte do Brasil poderia levar a uma diminuição entre 20 e 25 por cento dos lucros dos mais importantes bancos dos Estados Unidos, como o Citicorp, Chase Manhattan e Manufacturers Hanover.

Por outro lado, o secretário do Tesouro norte-americano, James Baker, voltou a garantir ontem aos bancos comerciais do seu país que a crise brasileira será resolvida e a decisão do Brasil não será imitada pelos outros devedores. Ele disse que a estratégia com relação à dívida do Terceiro Mundo estabelecida no "Plano Baker", de sua autoria (que prevê que a situação dos países sul-americanos deve ser tratada "caso por caso") continua de pé.

Segundo um dirigente de um dos principais bancos dos Estados Unidos, as negociações com o Brasil "serão, de todas as maneiras, determinantes para o futuro da crise devedora de toda a América Latina".

O Brasil, Argentina e Venezuela se consultaram, antontem, para acertarem uma estratégia comum sobre sua dívida externa, reafirmando que, embora mantendo seus compromissos, esses países não poderão se transformar em simples exportadores de capital.